



# A CULINÁRIA SAGRADA DOS ORIXÁS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR DE PAULO FREIRE E A CULTURA ALIMENTAR DO RECÔNCAVO BAIANO

**Sudelmar Dias Fernandes** Doutor Universidade Americana PY, em Ciência da Educação. IFbaiano - Campus Governador Mangabeira. E-mail: sudelmar.fernandes@gmail.com

**Vinicius Sena** Técnico em Cozinha Proeja - ensino médio. IFbaiano - Campus Governador Mangabeira. E-mail: vini.notuno1234@gmail.com

**Maria Mota** Técnica em Informática Integrado - ensino médio. IFbaiano - Campus Governador Mangabeira. E-mail: claramariams1@gmail.com

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os aspectos característicos da culinária do recôncavo nas cidades de Cacheira, Governador Mangabeira e Muritiba, numa perspectiva da ação cultural, a partir da significativa presença dos negros através de seus rituais sagrados divinos aos orixás nos terreiros de candomblé, numa aproximação teórica e prática com alguns conceitos freiriano que tratam do racismo e da dualidade de opressor oprimido, tendo como base a concepção de educação popular. Neste sentido, problematizar o conhecimento da comunidade em relação à culinária popular de matriz africana. Trata-se de um estudo com procedimentos bibliográficos/etnográficos de abordagem qualitativa e características descritivas. Utilizará a entrevista semiestruturada para coleta e mensuração dos dados. A pesquisa apresenta como resultados uma proposta pedagógica problematizadora e dialógica, através de sequência de ensino, tendo como produto a construção de um cardápio descritivo e analítico.

**Palavras-chave:** Ação cultural; comida sagrada dos Orixás; culinária do recôncavo; cultura do silêncio; educação popular; racismo.



Trilhas está licenciada sob a licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

## INTRODUÇÃO

Ao se estudar a obra de Paulo Freire, percebe-se de forma clara e contundente sua repulsa às condutas racistas que envolvem os vínculos de dominação e poder presentes nas relações sociais do colonizador. De modo que, pode-se inferir, Freire, mesmo sem ter tratado de forma específica da problemática racial, ele se posiciona em várias passagens de seus escritos de forma transparente, exibindo a forma perversa e violenta do racismo e, denuncia o bárbaro atentado contra qualquer possibilidade mínima de dignidade e ética humana, como fica evidente nesta passagem da obra Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, na seguinte fala:

Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. (FREIRE, 1996, pg. 200)

No que, não deixa dúvidas de sua explícita manifestação antirracista, evidenciando sua profunda discordância com práticas escravagistas e discriminatórias, incompatíveis com seu pensamento democrático, estruturantes em sua pedagogia popular e libertaria, “ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” (1996, pg.19). Neste sentido, Freire declara que os atos



e aqueles que assumem posturas racistas, machistas, classistas estariam violando uma naturalidade humana, ou seja, sua vocação ontológica. Isto é, a construção de um processo contínuo de transformações através da educação. Este processo, impulsiona mudanças daquilo que nominou de consciência ingênua, para a consciência crítica, capaz de tornar-se sujeito do processo histórico-cultural e da sua própria vida. No que Santos (1989, pg. 39) traz em fecundo diálogo com Freire, o racismo não faz parte da “natureza humana”. Nasceu, talvez pela necessidade de defender o seu espaço; e é apenas uma instituição infracional de prolongada duração (assim como a antropofagia e a guerra)”.

Nesta perspectiva, o entendimento do racismo para Freire se configura em discursos e práticas deterministas que reduzem os homens e as mulheres a simples objetos. Indo mais além, Freire repudia qualquer sistema que tente justificar tais barbaridades contra o ser ontológico através de inaceitáveis argumentos, sejam do ponto de vista genéticos, sejam do ponto de vista sociológico, histórico e, até mesmo, filosóficos. Como por exemplo, as teorias que buscam explicar uma suposta supremacia branca sobre negros ou dos homens sobre as mulheres.

Muitas delas tiveram como base as ideias de Arthur de Gobineau (1816-1882), em seu “**Essai sur l’inégalité des races humaines**” (**Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas**) de 1853. Ele supôs que a raça indo-europeia seria a ancestral de todos os povos europeus de raça “pura” branca eram, portanto, superiores a todas as outras raças existentes. Adolf Hitler em 1940, retomou este conceito proposto por Gobineu para justificar toda sua política nazifascista de perseguição e extermínio dos Judeus e povos não-arianos, como Negros, Ciganos, etc. Além de homossexuais, mulheres, povos originários, etc.

Ademais, Freire; “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a forma dos condicionamentos a enfrentar” (1996, p. 31). Ainda mais, Freire, o militante engajado nas causas da educação popular, e, numa relação direta com sua práxis de fazer junto, vai além da simples denúncia do racismo ao propor a participação consciente e ativa, ao sentenciar: “Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais.” (1996, p. 53).

Para Santos (1989, p. 9), dialogando com Freire, o racismo é, também, uma teoria, defendida em livros e salas de aulas com argumentos e teses científicas. Para brigar contra ele será preciso, antes, desmontar esses argumentos e teses”. Na medida em que, estas ideias serviram de bases para justificar historicamente posições racistas, ancorando pensamentos e práticas discriminatórias, inclusive abastecendo material didático, levado à sala de aula é fundamental sua denúncia e educação. Neste sentido, é fundamental a partir do reconhecimento da pedagogia libertaria, popular e conscientizadora de Paulo Freire trazer pesquisas que possam estar produzindo novas pontes epistemológicas, dialogando e atualizando suas ideias em problemáticas como as que envolvem o tema do racismo.



Em decorrência do exposto, conceitos freirianos como; “cultura do silêncio”, “ação cultural” e “conceito antropológico de cultura” trazidos por Freire nas várias obras que discorrem sobre estes temas, tais como: Ação cultural para a liberdade e outros escritos. (1981), Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. (2000), Pedagogia do oprimido. (1987), serão centrais para dialogar com o recorte do problema e a motivação que instigou esta pesquisa.

Assim, a motivação que estimulou este pesquisador a elaborar esta investigação, parte de um projeto integrador definido no Projeto Pedagógico do Curso de Cozinha na modalidade Proeja, no campus Governador Mangabeira do IF Baiano, situado no recôncavo da Bahia, desenvolvido com turma do 2º ano e, foi pensado a partir do desenho de atividades diretamente vinculadas à ideia de iniciação científica. Visando fomentar a interdisciplinaridade, ao articular a integração dos conhecimentos produzidos pelos componentes curriculares.

Por certo, a ideia é investigar os aspectos característicos e relevantes da culinária do recôncavo e, por sua vez, o quanto esta culinária nos seus diversos modos de preparo e condimentação sofreram influência da significativa presença dos negros através de seus rituais divinos, com suas comidas sagradas ofertadas aos Orixás, transferidos pela oralidade ancestral nos terreiros de candomblé nas cidades de Cacheira, Governador Mangabeira e Muritiba. E quando foram silenciados culturalmente através do preconceito racial enquanto negação do reconhecimento de sua importância na formação da identidade popular e cultural da culinária nas três cidades do recôncavo da Bahia.

De modo que, diante do problema deste projeto, Freire como teórico, militante e engajado nas questões populares, assume um sentido de compreensão da cultura por um viés dinâmico e popular. Por isso, ele percebe a cultura popular como algo pujante em pleno movimento, em uma espécie de síntese dialética fruto da intervenção humana na natureza e na comunidade como resultado de sua história. “A cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que ele não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. De seu esforço criador e recriador.” (Freire. 1963, p. 11).

Nesta lógica problematizadora, a relevância desta pesquisa se configura sob duas perspectivas, no primeiro momento, realizar o esforço conceitual teórico em aproximar os escritos de Freire com a temática investigativa deste projeto em seu recorte racial, problematizando a comida de santo como referencial da cultura popular, dialogando com outros textos: As Dietas africanas no sistema alimentar brasileiro. In: CARDOSO, C. BACELAR, J. (orgs) Faces da tradição afro - brasileira religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização. (1999), O banquete sagrado: notas sobre a comida e o comer em terreiros de candomblé. (Souza Júnior. 2009.) QUERINO, A arte culinária na Bahia. (2006), LIMA. A anatomia do acarajé e outros escritos. (2010) e no segundo momento, trazer a discussão da cultura do silêncio frente a resistência da culinária negra enquanto tradição de cultura popular, presente na tradição dos ritos da comida ofertada aos orixás nos terreiros.



## JUSTIFICATIVA

Decerto ao pesquisar a extensa e complexa obra de Paulo Freire não iremos encontrar nenhum texto a onde ele trate e discuta a problemática racial de forma específica, por outro lado, ao se analisar esta mesma obra de forma mais apurada se constata que a sua centralidade perpassa pela profunda polarização entre opressor versus oprimidos, a qual, ele traz de suas leituras e estudos da obra “A dialética do senhor e do escravo, a qual, se encontra na obra **Fenomenologia do Espírito**, de G. W. Friedrich Hegel (1770 - 1831). Neste sentido, toda a sua tese discutida em seus textos órbita este problemática, da mesma forma, este será o tema gerador que fundamentará sua pedagogia dialógica e libertária, base para a transformação revolucionária deste sujeito oprimido, através da educação popular em sintonia prática com a cultura a qual está imerso, se contrapondo a pedagogia das classes burguesas, excludentes, discriminatórias e escravagistas (Scocuglia.1999).

Com efeito, Freire em suas reflexões sobre a relação opressor versus oprimidos sob influência de pensadores marxistas, irá compreender a “dialética do senhor e do escravo”, ou seja, opressor versus oprimido a partir da dinâmica de classes, numa “ação cultural” desencadeadora da “consciência de classe” que se presentifica no enfrentamento, ou seja, na luta cotidiana pela transformação estrutural da sociedade. (Scocuglia.1999), não distinguindo de forma singularizada a problemática racial, ou as questões particulares que envolvem a luta contra as diversas formas de racismo.

Logo, a partir destas premissas, esta pesquisa buscou inferir contribuições ao longo de alguns textos freirianos, por onde se possa pensar uma educação popular antirracista. De modo que, apenas uma educação popular e democrática diretamente imbricada com a prática libertária e transformadora, respeitando a tradição dos saberes historicamente constituídos pela cultura de cada povo, será capaz de travar o enfrentamento contra o opressor, burguês colonizador. Assim, estaria dada as pontes teóricas e práticas, justificando deste modo, a aproximação com a problemática racista, trazidas nesta pesquisa, ou seja, o silenciamento da comida de santo na formação da culinária do recôncavo.

Apesar de, como já mencionado, este não ter sido um tema trabalhado por Freire na sua especificidade, ele o menciona em várias citações, em algumas obras como por exemplo; Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. (1996). Nesta sequência, esta pesquisa busca, justificar as bases teóricas que constituem a problematização da questão racial a partir das leituras que Freire foi capaz de fazer de alguns autores africanos, militantes engajados nas lutas de descolonização, como Franz Fanon, Amílcar Cabral e Albert Memmi. Determinadas assim, as razões de ordem teórica e/ou prática que justificam a realização da pesquisa, conduzidas pelas chaves de aproximação da obra freiriano na percepção de consciência crítica, aqui trazida como consciência do negro colonizado e escravizado que consegue pela ação cultura enquanto educação popular vinculada com a libertação e emancipação, tornar-se sujeitos em relação direta com a dinâmica dialética, opressor versus oprimidos.



A relevância deste problema: investigar os aspectos característicos e relevantes da culinária do recôncavo, o quanto esta culinária nos seus diversos modos de preparo e condimentação sofreram influência da significativa presença dos negros através de seus rituais divinos, com suas comidas sagradas ofertadas aos Orixás, transferidos pela oralidade ancestral nos terreiros de candomblé nas cidades Cacheira e Muritiba. E quanto foram silenciados culturalmente através do preconceito racial enquanto negação do reconhecimento de sua importância na formação da identidade popular e cultural da culinária nas duas cidades do recôncavo da Bahia. Se apresenta em dois momentos: no primeiro deles, em uma lógica que busca realizar esforço conceitual e teórico em aproximar os escritos de Freire com a temática racial, e no segundo momento, o recorte trazido pela pesquisa que é problematizar a comida de santo como referencial da cultural e educação popular negra, tendo como elemento de ponte conceitual as citações na obra freiriana em fecunda dialogicidade com aos autores trabalhados neste projeto.

Diante do exposto, estão dadas as motivações teóricas e objetivas que geraram as possibilidades concretas para a execução da pesquisa. Da mesma forma, a pesquisa pretende a partir dos resultados obtidos com a investigação trazer contribuições importantes para a discussão acadêmica, tanto no sentido das diversas possibilidades de se ler Paulo Freire quanto em suas possíveis pontes teóricas e práticas na problematização das questões racistas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, em um recorte não conceitual, mas, apenas temporal a resistência e luta do povo negro é determinante para a conquista da aprovação da lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Este feito, para a educação popular e democrática no Brasil provoca a discussão para o enfrentamento de um problema que não se configura a partir da promulgação desta lei, mas, que advém dos tempos da colonização brasileira, perpassando mesmo que de forma velada em vários momentos da própria concepção de educação brasileira, ou seja, as discussões étnico-raciais e as lutas contra às diversas expressões de racismo nas escolas.

Aquilo que se conhece, segundo Bhabha (1998) enquanto cultura do colonizador, manifesta-se pelo não reconhecimento de seu lugar de sujeito histórico e cultural por parte do colonizado, fruto do processo do opressor ideologicamente imposto ao colonizado (negro). Este oprimido constrói uma imagem de si distorcida, muito em decorrência de sua tipificação, como alguém muito diferente do branco europeu. E, está busca por um referencial imagético vem justamente de condutas opressoras introjetadas através do discurso do colonizador no sentido de legitimar seu poder, principalmente através de falas que buscam fazer com que o sujeito negue sua origem histórica cultural em detrimento da assimilação ideológica da cultura dominante europeia.



Porquanto, o que esta pesquisa traz como conceito de descolonização cultural já está posto por Freire em vários de seus textos, ao procurar construir seu arcabouço argumentativo sobre a educação popular e democrática enquanto prática libertária como processo de humanização dos sujeitos, visando a tomada de consciência crítica numa perspectiva de superação da “consciência colonizada”, sobretudo, em função de sua experiência em alguns países africanos, no período de 1970, onde foi convidado a contribuir como assessor na implantação da proposta de educação popular e democrática, pós-colonialismo. A qual Freire irá chamar de “consciência dominante” ou “consciência do opressor” (Freire, 1987, p. 28), no que Freire em diálogo com Albert Memmi, comentar:

É interessante observar como Memmi, em uma excepcional análise da “consciência colonizada”, se refere à sua repulsa de colonizado ao colonizador mesclado, contudo, de “apaixonada” atração por ele. A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens, ainda que um conhecimento ao nível da pura doxa. (Freire, 1987, p. 32).

Como visto, ao trazer a problemática do neocolonialismo, Freire não adentra com especificidade pela categoria raça, porém, sabe-se que no chamado período neocolonial o conceito raça se caracteriza pela negação ideológica e científica dos negros, como pretexto para a confirmação de uma suposta supremacia do branco europeu. Tal entendimento passa a ser a base política e econômica que estrutura este período. (Almeida, 2018). Sob o mesmo ponto de vista, Freire traz a questão de dominação e do movimento contraditório que caracteriza a luta entre opressor e oprimido. Sob a ótica da educação popular, entende que a desumanização a partir de um não reconhecimento de cultura própria de cada povo, vai além da questão ontológica e a coloca como uma realidade histórica que ao lado da desumanização, traz estes sujeitos para a condição de faltantes. Por isso, apresenta sua pedagogia como uma perspectiva universal e humanizadora como forma de redenção deste sujeito oprimido.

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É um instrumento de desumanização. (Freire, 1987. p. 26)

Por conseguinte, a consciência egoísta do opressor, nesta pesquisa é percebida como a consciência egoísta do colonizador que se torna um parasita na consciência do oprimido (negro), via o modelo de educação colonial e eurocêntrica opressora (branca), que, se coloca como estrutura fundante dos modos de dominação e da opressão, não possibilitando a redenção emancipatória destes sujeitos. Ou melhor, jamais provendo a estes sujeitos, mesmo que através de sua práxis, o encontro com a liberdade e autonomia.



Em consequência destes pressupostos, Freire irá propor o conceito de “descolonização das mentes”, concebido por Aristides Pereira, e de “re-africanização das mentalidades”, proposto por Amílcar Cabral, como forma de reorganizar a cultura escolar dominante, ainda: “E isto implica na transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica.” (Freire, 1978, p.16). Ressalta que a superação do “sistema educacional herdado do colonizador”, [ ] é um ato eminentemente político, como política é a atitude que assumimos na escolha das próprias técnicas e dos métodos para concretizar aquela tarefa.” (Freire, 1978, p.113).

Portanto, segundo Freire não poderia haver saber dissociado da realidade cultural de quem busca fazer conhecer como método na práxis do professor, nesta sequência o ato de educar é um ato eminentemente político. “E a teoria do conhecimento que esta deve pôr em prática implica num método de conhecer antagônico ao da educação colonial.” (p. 113). Neste sentido, para Freire a educação popular e democrática assume o caráter de vanguarda das classes oprimidas como condição para sua emancipação.

Fica claro e perceptível, que parcela considerável da sociedade e, principalmente o povo negro é desprovido das mínimas condições de poder, tem sua cultura silenciada por modelos curriculares, onde suas representações simbólicas e estéticas, sejam os referenciais culturais, seja sua tradição religiosa são emudecidas pelo estereótipo da cultura dominante do opressor, dificultando o reconhecimento de si. Com isso, limita sua percepção de pertencimento a seu povo, a sua etnia que possui tradição cultural e histórica, com hábitos e saberes ancestrais, em condições de potência transformadora.

No âmbito da educação popular defendida por Freire, presentificada em sua práxis por sua pedagogia libertária, dialógica e humanística se contrapondo a pedagogia do colonizador opressor. Se pode deduzir uma cultura que combata a hegemonia da consciência colonial opressora, a qual, se revela em sua prática pela “cultura do silêncio” onde parte significativa da sociedade é negado seu lugar de presença cultural através de um mundismo perverso na composição dialógica com os outros atores sociais.

Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser. (Freire, 1981.p. 41)

Suspensos dos acontecimentos da vida cotidiana que moldam culturalmente a sociedade num processo de mutismo, cabendo apenas as expressões culturais que lhes são apresentadas prontas e acabadas, negando-lhes qualquer possibilidade de inferência. Tal processo em sua face mais violenta, já que foi negado às classes oprimidas sua presença nas ações transformadoras, desenvolvem a crença de serem “naturalmente” subalternos a classe dominante branca, criando-se desta forma, o mito de uma cultura superior.



Com isso, se faz necessário atingir toda e qualquer manifestação cultural que faça parte das classes oprimidas.” Na cultura do silêncio existir é apenas viver. O corpo segue ordens de cima. Pensar é difícil; dizer a palavra, proibido.” (Freire, 1981. p, 50). Desde as primeiras relações familiares, passando pelo trabalho e durante o período de escolarização, os oprimidos são disciplinados. Tendo a educação bancária nas práticas de domesticação cultural sua expressão evidente de dominação. Desta maneira, se instala o silenciamento, permeado pelo mutismo, porém, tal condição, não quer dizer a não existência de um saber. E, de acordo com Freire, para superar a cultura do silêncio e as estruturas que o desenvolve e o mantém, é fundamental construir uma educação que problematize a realidade de forma crítica e redentora.

Neste sentido, ser introjetado e fortalecido para expressar a sua cultura. “Em lugar dela, o uso de artifícios capazes de ocultar verdades que, no mínimo advindas ou intuídas pelos oprimidos, poderiam empurrá-los para a luta” (Freire, 2000. p.52) Logo, dar-se as condições para que verdades emerjam da consciência crítica e possam ser confrontadas e verificadas, colocando-se não só uma simples modulação entre aquele com quem se fala e quem escuta. Todavia, uma fala dialogada, onde são preservados apenas o discurso daquele que fala, onde ambos sejam protagonistas do discurso, do saber, da cultura.

Em continuidade, é por volta de 1968 quando da participação de Freire em uma série de conferência no Centro Interracial de Documentacion (Cidoc) e em 1970 em Guernavaca município mexicano que demonstra de forma mais clara o conceito de “ação cultural. Nesta conferência, Freire concebe o tema da identidade cultural compreendido diretamente com as condições que forjam as práticas educativas. Assim, levando a educação a níveis de “ação cultural” como instrumento de transformação emancipadora e libertária. Neste sentido, podemos inferir que Freire irá colocar o conceito de “ação cultural” em paridade com a própria ideia de educação. “Deste modo, a educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer” (Freire, 1981. P.80).

Como vimos, segundo Freire, os oprimidos por estarem submetidos a cultura do silêncio, buscaram superar esta submissão introjetada através do exercício da conscientização, mediada pela práxis da ação cultura sob as condições concretas e históricas das classes populares oprimidas, neste sentido, estariam dadas as possibilidades para se tornarem sujeitos de sua própria ação.

Ação cultural através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante. Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles. A ação cultural e a revolução cultural, em diferentes momentos do processo de libertação, que é permanente, facilitam esta extrojeção. (Freire, 1981. P.44).

Por conseqüente, diante do que já foi exposto neste projeto de pesquisa enquanto argumento que sustenta a aproximação de Freire com a temática racial, mediada pelos conceitos de “cultura do silên-





cio” e “ação cultural” incorporados pela defesa intransigente que ele faz da educação popular e democrática estariam formadas as bases teóricas que sustentam a análise da realidade aqui problematizada a partir da concretude do silenciamento da cultura da comida dos orixás ofertadas em seus rituais, como formadora da cultura culinária do recôncavo.

Inicialmente, é fundamental esclarecer que o grande contingente de negros trazido a força e escravizados em nosso país, não encontram as mesmas condições e variedades de condimentos e plantas igualmente presente na África, tão pouco, os saberes culturais oriundos da terra mãe, agora quilômetros distantes. Saberes estes, de plantas e condimentos aqui trazidos, pertencentes as várias nações africanas que foram inseridas em solo brasileiro através da perversa presença dos negros e negras escravizados.

Neste sentido, Lima (2010) irá defender a ideia que a culinária baiana, principalmente a cozinha de Salvador e do recôncavo baiano, sofre forte influência dos cultos sagrados de origem africana, praticados em obrigação aos orixás. Assim, percebe-se que através das oferendas ofertadas os deuses africanos, além da comida, mais também a tradição que está presente nas manifestações dos ritos religiosos por meio das danças, das músicas, dos cânticos, dos atabaques, conserva fortes influências da cultura africana, preservada em sua ancestralidade histórica nos terreiros.

Corroborando com Lima, (Sousa Junior, 2009), atesta que nos terreiros de candomblé da Bahia, é muito comum se preparar grande quantidade de comida. Ele acrescenta, que após os rituais em homenagem aos orixás, e logo depois de uma consulta sobre o que se deve fazer com toda aquela comida, é hábito estes pratos serem socializados na “chamada mesa fria [ ] consiste na divisão da comida oferecida aos orixás no dia seguinte à festa”. (Sousa e Junior, 2014. p.04)

Em seguimento, Sousa Junior em seus estudos aponta para a necessidade de maiores pesquisas no sentido de se entender estas disposições dos alimentos originalmente confeccionados para serem oferecidas aos orixás, mas, que também são ofertadas à comunidade, tanto dos terreiros, como aos seus frequentadores. Assim, temos algumas: “os cafés que encerram algumas festas, como também aqueles que abrem o dia consagrado a determinado orixá,” ou ainda “para o almoço dedicado ao ente querido no último dia da cerimônia chamada axexê.” (Sousa e Junior, 2014. p.09).

Portando, como se pode perceber a comida sagrada nos terreiros oferecidas aos orixás é também um acontecimento social e político, que preserva nas suas estruturas culturais forte tradição do povo negro.

Partindo da concepção freiriana da contradição entre opressor e oprimido, esta pesquisa apresenta a questão racial na condição de oprimida. Neste sentido, toda e qualquer expressão cultural, aqui tendo como recorte a culinária sagrada dos orixás, sobre uma espécie de silenciamento enquanto base que estrutura a cultura alimentar do recôncavo será o objeto investigado, enquanto concepção de educação popular/ação cultural. Deve como objetivo central, compreender os aspectos característicos da



culinária do recôncavo nas cidades de Cacheira, Governador Mangabeira e Muritiba, numa perspectiva da ação cultural, a partir da significativa presença dos negros através de seus rituais sagrados divinos aos orixás nos terreiros de candomblé, numa aproximação com alguns conceitos freirianos que tratam do racismo e da dualidade opressor oprimido tendo como base a concepção de educação popular.

## **METODOLOGIA DA EXECUÇÃO DO PROJETO**

Esta investigação se apresenta como uma pesquisa de caráter bibliográfico/etnográfico, como delineamento metodológico se constitui por ser de cunho qualitativo com abordagem descritiva, que para (Gil, 2017, p. 42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento das relações entre variáveis”. Tem seu lócus do estudo, os membros dos terreiros de candomblé das cidades, Muritiba, Cachoeira e parcela da sociedade das cidades de Cruz das Almas, Muritiba e Governador Mangabeira que se dispuseram a participarem livremente. Como procedimento de estudo, foi aplicado para a coleta de dados entrevistas semiestruturadas com objetivo de mensurar dos membros do candomblé os saberes ancestrais transmitidos através da oralidade da culinária sagrada ofertada aos orixás e com os membros da sociedade, o quanto se conhece desta culinária.

A entrevista semiestruturada foi organizada em dois momentos: no primeiro momento foram entrevistados os membros dos terreiros que se dispuseram em participar, identificando os saberes ancestrais no preparo da comida sagrada aos orixás. No segundo momento, foram entrevistados os membros da sociedade que livremente se dispuseram em participar, demonstrando o conhecimento sobre a origem da linhagem africana e sagrada dos pratos presentes no cotidiano das cidades citadas.

Na entrevista semiestruturada, como uma entrevista guiada, há uma orientação mais qualitativa, buscando maior interação entre entrevistador e entrevistado. Essa entrevista pode ser conduzida entre duas ou mais pessoas de forma presencial ou mesmo à distância, com o uso das ferramentas tecnológicas. Este tipo de entrevista possui um roteiro previamente elaborado, mas permite o surgimento de perguntas durante a interação entre os interlocutores (Glesne, 2015).

Para além, das questões levantadas, busca-se aliar a prática da observação participante ao ambiente pesquisado, analisando as principais informações colhidas nas entrevistas e nos questionários junto aos membros dos terreiros das cidades citadas e com a população que livremente aceita participar da pesquisa.

Segundo Magnani, “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acer-



camento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.” (Magnani, 2002, p.17).

Neste sentido, a pesquisa etnográfica busca analisar o comportamento e a história de um grupo ou sistema social, uma vez que, é fundamental na etnografia a implicação da descrição e interpretação profundas de sua cultura. Nela, o pesquisador geralmente, é também um observador envolvido, isto é, convive com o grupo ou está ligado àquela comunidade.

Em consonância com o exposto, Marconi e Lakatos (2017) destacam que, a pesquisa etnográfica é um tipo de pesquisa qualitativa que estuda grupo de pessoas destacando os sujeitos pesquisados independentemente das teorias que sustentam a descoberta.

Nesse contexto, o enfoque da pesquisa é qualitativo, segundo, (Sampieri 2006, p. 5), “utiliza coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses sem seu processo de interpretação” e acrescenta, “Seu propósito consiste em ‘reconstruir’ a realidade tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido” explica que, o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes de um determinado grupo ou sistema social.

Foi elaborada como resultado dos estudos e das entrevistas uma proposta pedagógica problematizadora e dialógica, através de uma sequência de ensino, tendo resultado a construção de um cardápio descritivo e analítica, onde serão trabalhados os elementos da culinária sagrada dos orixás e a sua relação com a cultura alimentar do recôncavo. O cardápio foi apresentado em uma atividade acadêmica numa roda de conversa no campus Governador Mangabeira com a participação de educadores populares, membros dos terreiros de candomblé, da comunidade, em parceria com as Pós-graduações em Metodologia Científica, História e Cultura Afro e o Grupo de Pesquisa GEP-CIF – Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade do IF Baiano, com a degustação do “banquete dos orixás”, similar aos preceitos sagrados.

Pretende-se, com este estudo, aprofundar a realidade cultural da população investigada, através do conceito de silenciamento, objetivando compreender, se a cultura da culinária dos orixás foi emudecida pela cultura dominante e opressora. Diante disso, essa investigação procura mostrar como conceitos trabalhados por Paulo Freire numa perspectiva de educação popular podem transformar a realidade dentro do recorte de classe, enquanto povo oprimido em sua cultura.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

A discussão e a interpretação dos resultados buscam apresentar a análise, verificando se a questão inicial, ou seja, se o problema da pesquisa foi respondido em sua totalidade, ou parcialmente. Neste sentido, a pesquisa faz uma reflexão ao associar o fundamento teórico com os dados colhi-



dos através das entrevistas semiestruturadas. Conseqüentemente, foram descritas e analisadas as perguntas e respostas que melhor respondem o binômio fundamento teórico/dados coletados. Foram elaboradas 6 questões, tendo um público de pessoas que se dispuseram livremente a responder, de 24 participantes assim, distribuídos: Cruz das Almas-14 pessoas, Governador Mangabeira- 5 pessoas e Muritiba 5 pessoas.

Foram realizadas duas entrevistas, uma em Muritiba, no terreiro Ile Axé Obalajá com o babalorixá, Jean de Xangô e o Terreiro dos Venturas de mais de 300 anos no Município de Cachoeira com o Ogam Edvaldo Conceição. Estas entrevistas serviram para levantar os pratos e os condimentos utilizados no preparo das comidas oferecidos aos Orixá em seus rituais sagrados, trazidos pelo povo negro escravizado e foram relacionados nas entrevistas feitas com a população.

**Pergunta 1:** Você conhece algum desses pratos ou condimentos? Xinxim de galinha, amalá, acaçá, abará, acarajé, feijão fradinho, feijão branco, feijão preto, inhame, milho branco, mingau de milho, vatapá, mel e azeite dendê

**Descrição dos Resultados:**

Todos os participantes da pesquisa afirmam conhecer, se não todos os pratos, conhecem a grande maioria das comidas apresentadas

**Resposta 12,** V: Sim, abará, acarajé, feijão-fradinho, preto, o inhame, o milho branco do mugunzá, o mel, azeite dendê.

**Resposta 8,** J. P: Conheço alguns. O acarajé, o abará, xinxim não conheço, feijão-preto, inhame, milho branco, o vatapá também.

**Pergunta 2:** Desses alimentos ou condimentos que você tem conhecimento, qual desses você consome ou prepara?

Todos os participantes da pesquisa afirmam consumir se não todos os pratos, consomem a grande maioria das comidas apresentadas, porém apenas alguns participantes afirmaram preparar os pratos.

**Resposta 4,** A: Eu consumo a maioria deles aí que eu falei. (obs\*: não prepara nenhum)

**Resposta 10,** J. M: Não preparou nenhum só consumo os que eu falei.



**Pergunta 5:** Você sabia que essas comidas e condimentos chegarão ao Brasil através dos negros escravizados como comida sagradas ofertadas aos orixás?

**Resposta 2, J:** Não sabia, na verdade tinha assim um pensamento sobre até o abará, mas sobre esses outros condimentos e pratos não sabia. O abará é eu achava que tava bem associado mesmo a culinária africana, é, pois ao passear por algumas cidades que fizeram parte dessa história da cultura africana por exemplo Salvador, a gente via lá as baianas do acarajé e do abará também que vendiam essas refeições e logo por isso já associava a cultura africana.

**Resposta 4, A:** Hum... já ouvi falar sobre isso, mas não sei muito.

**Resposta 3, P:** Sim.

Distribuição das respostas por quantidade de pessoas.

9 pessoas dizem saber

7 pessoas dizem não saber

8 pessoas dizem já ter ouvido falar ou não tem muita noção.

Fica comprovado através das respostas dos participantes da pesquisa o pleno conhecimento das comidas e dos condimentos relevantes da culinária do recôncavo e, por sua vez, quando lhes é indagado se conhecem a forte influência da significativa presença dos negros através de seus rituais divinos, com suas comidas sagradas ofertadas aos Orixás, transferidos pela oralidade ancestral nos terreiros de candomblé, percebe-se o silenciamento cultural, ou seja, a negação do reconhecimento de sua importância na formação da identidade popular e cultural da culinária nas três cidades do recôncavo da Bahia pesquisada.

Conceitos freirianos como;” cultura do silêncio”, “ação cultural” e “conceito antropológico de cultura” trazidos por Freire nas várias obras que discorre sobre estas questões, tais como: Ação cultural para a liberdade e outros escritos. (1981), Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. (2000), Pedagogia do oprimido. (1987), foram centrais para dialogar com o recorte do problema, justificando deste modo, a aproximação com a problemática racista, trazidas nesta pesquisa, com o silenciamento da comida de santo na formação da culinária do recôncavo. Das 24 pessoas que participaram da pesquisa, observa-se a disposição das respostas, em que: 9 pessoas dizem saber da influência da culinária sagrada dos orixás, 7 pessoas dizem não saber da influência da culinária sagrada dos orixás e 8 pessoas dizem já ter ouvido falar ou não tem muita noção da influência da



culinária sagrada dos orixás.

Assim, conforme o resultado apresentado se pode inferir a presença do silenciamento, permeado pelo mutismo do recorte racial imposto pelo colonizador escravista, quando parcela significativa da sociedade, caracterizada na amostragem da pesquisa não reconhece a origem da formação cultural da culinária nas três cidades pesquisadas. Neste entendimento, o racismo pensado a partir de uma visão freiriana se configura em discursos e práticas deterministas que reduzem ou emudecem a história cultural de um povo massificado pelo opressor, burguês colonizador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou aprofundar a realidade cultural da população investigada, através do conceito de silenciamento e cultura popular, objetivando compreender a cultura da culinária dos orixás emudecida pela cultura dominante e opressora do colonizador. Diante disso, essa investigação demonstrou como conceitos trabalhados por Paulo Freire; “cultura só silêncio” e “ação cultural” numa perspectiva de educação popular pode dialogar com a realidade dentro do recorte racial, enquanto povo oprimido em sua cultura.

Demostro de forma objetiva os aspectos característicos da culinária do recôncavo nas cidades de Cruz das Almas, Governador Mangabeira e Muritiba, numa perspectiva da ação cultural, a partir da significativa presença dos negros através de seus rituais sagrados divinos aos orixás nos terreiros de candomblé, numa aproximação com alguns conceitos freiriano que tratam do racismo e da dualidade opressor oprimido, tendo como base a concepção de educação popular transmitida pela ancestralidade através da oralidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte. Letramento, 2018.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte. Editora da UFMG, 1998.

CARDOSO, C. ; BACELAR, J. (orgs) **Faces da tradição afro- brasileira, religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização.** Salvador. Pallas.1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa,** São Paulo. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.



- FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, P. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo**. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; abril-junho, 1963.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. S. Paulo. Editora UNESP. 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. Paz da Terra. 1987.
- GIL, C. A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6<sup>a</sup> edição. São Paulo, Atlas, 2017.
- Glesne, C. **Becoming qualitative researchers: An introduction**. 5th Edition. London: Pearson. 2015.
- GOBINEAU, A.1853. **Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas**. Tradução Antônio Fontoura. Curitiba. Antoniofontoura. 2021.
- LAKATOS, MARCONI. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LIMA, V. C. **A anatomia do acarajé e outros escritos**. Salvador: Corrupio, 2010.
- MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo. 2002.
- QUERINO, M. **A arte culinária na Bahia**. Salvador: Teatro XVIII, 2006.
- REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS. v. 11, n. 21. DOSSIÊ: Multiculturalismo, Tradição e Modernização em Religiões Afro-Brasileiras. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/issue/view/208>. 2014. Acesso em: 22 de setembro de 2021.
- SAMPIERI, R. H. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed. São Paulo. McGraw-Hill, 2006.
- SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989
- SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas** 2.ed. João



ISSN 2764-6416  
<https://periodicos.ifbaiano.edu.br>

Revista de Extensão  
**TRILHAS**

Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 1999.

SOUSA JUNIOR, V. C. **O banquete sagrado: notas sobre a comida e o comer em terreiros de candomblé.** Salvador: Atalho, 2009.

Recebido em: 01/05/2023

Aprovado em: 24/05/2023

Publicado em: 10/08/2023